

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Noélia Nunes Marinho

**E DEPOIS DA ESCOLA? ASPIRAÇÕES E PROJETOS DE FUTURO SOB A  
PERSPECTIVA DE JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO.**

Maceió

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Noélia Nunes Marinho

Monografia apresentada ao curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

Orientador: Professor Dr. João Batista de Menezes Bittencourt

Maceió

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Noélia Nunes Marinho

**E DEPOIS DA ESCOLA? ASPIRAÇÕES E PROJETOS DE FUTURO SOB A  
PERSPECTIVA DE JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO.**

Monografia apresentada ao curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

Aprovada em 19 de dezembro de 2014.

---

Prof. Dr. João Batista de Menezes Bittencourt (Orientador)

---

Prof<sup>a</sup>. Ms. Evelina Antunes Fernandes de Oliveira

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Marina Félix de Melo

Maceió

2014

À meu esposo, demais familiares e amigos que torceram e acreditaram em mim para a concretização do sonho de minha formatura.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu orientador Dr. João Batista de Menezes Bittencourt por sua dedicação e colaboração no decorrer desta pesquisa. Seus comentários, indicações de textos e livros foram relevantes para o início, desenvolvimento e finalização da mesma.

À Professora Mestra Evelina Antunes Fernandes de Oliveira que, por meio de suas orientações durante o tempo em que participei do PIBID UFAL Ciências Sociais, pude refletir sobre o papel importante do Cientista Social em um espaço escolar.

Ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/UFAL), que me proporcionou, por intermédio de minha inserção no mesmo, o interesse que dispenso ao tema das juventudes.

## RESUMO

Marinho, Noélia Nunes. **Juventudes contemporâneas e o habitus na construção de projetos de futuro**. Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas. Maceió. 44 páginas, 2014.

Esta monografia se inclina à compreensão dos projetos de futuro de uma amostra de 109 jovens concluintes do ensino médio de uma escola pública de Maceió/AL, a Escola Estadual Moreira e Silva. Neste sentido, será investigado se o capital cultural dispensado pela família contribui para uma possível produção de aspirações desses jovens e ainda se os grupos de pares e o consumo de bens simbólicos participam da definição do que farão posteriormente ao ensino médio. Por fim, será analisado se os mesmos realmente estão orientados mentalmente para a concretização de aspirações e desejos ou estão fincados no presente. A pesquisa foi realizada nos dias 24 e 30 de outubro e 14 de novembro de 2014.

Palavras-chave: Juventude, Projetos de futuro, Escola.

## SUMÁRIO

Introdução -----	9
Capítulo 1. As juventudes e as nuances da construção de projetos de futuro -----	12
1.1 A plasticidade e o protagonismo das juventudes contemporâneas -----	15
1.2 Juventudes: “Vez e voz” na sociedade moderna -----	23
Capítulo 2. Quando o “campo” é a escola -----	25
Capítulo 3. O que querem e pensam os jovens pesquisados -----	28
Considerações finais -----	42
Referências Bibliográficas -----	44

## **Introdução**

A questão que será discutida neste trabalho, diz respeito aos elementos estruturados e estruturantes das aspirações dos jovens de camadas populares, estudantes de uma escola pública de Maceió. Para tanto, será preciso compreender o que esses atores sociais pensam dos campos onde estão situados, tais como a família, a escola, os grupos de pares e o consumo de bens simbólicos, e em que medida esses campos e instâncias atuam sobre eles.

O interesse pela questão de pesquisa surgiu basicamente pela participação em um projeto de pesquisa (PIBID UFAL 2012 - 2014) que ainda atua em uma escola pública estadual em Maceió/AL, a Escola Estadual Moreira e Silva, localizada no Centro Educacional de Pesquisas aplicadas (CEPA).

A curiosidade se deu no momento em que foi percebido que era preciso entender um pouco sobre os jovens, enquanto pesquisadora, para então atuar profissionalmente com eles.

Com intenções esclarecedoras, esta pesquisa tem, ao mesmo tempo, perspectivas micro e macro, pois, considera dados que alcançam maior amplitude, mas também considera aspectos situacionais, sentidos elaborados pelos jovens, uma vez que estes podem ser reveladores para a interpretação social das juventudes.

Por priorizar a abordagem bourdieusiana no decorrer do estudo, as noções e os conceitos, tais como o de “capital cultural”, “espaço social”, “campo” e “interesse” estarão presentes, por considerar que as ideias de Bourdieu (2004) são peças fundamentais (embora não únicas) para a compreensão do fenômeno em questão.

Outro fato a ser destacado é a discussão sobre a modernidade do ponto de vista de Anthony Giddens (2002) e George Simmel (2006), que não poderia ficar de fora, já que serão desvendadas especificidades das juventudes contemporâneas.

No primeiro capítulo, o objeto de pesquisa, “os jovens da Escola Estadual Moreira e Silva” será contextualizado, considerando que estes jovens estão situados em um cenário moderno. Serão também ressaltadas as especificidades, tendências e a existência de processos conflituosos que abarcam a vida dos jovens em questão, articulando tais ocorrências à discussão teórica sobre projetos de futuro.



Será considerado ainda, cada campo social que os jovens estão inseridos, pretendendo saber, em maior amplitude, os campos que ainda no plano futuro, pretendem estar situados, considerando ainda a possibilidade de existência de várias noções de projeto.

Serão considerados também os diversos capitais culturais incorporados pelos jovens, a construção de sociabilidades, como também a produção de gostos por meio de experiências vivenciadas por eles.

O tema da socialização é, neste capítulo, bastante privilegiado, pois a mesma produz habitus, como defende Setton (2012) e, de acordo com Bourdieu (2004) produz na estrutura mental dos indivíduos a estrutura do espaço social em que estão ou foram socializados. Mas, segundo o autor, isso não é definitivo, pois, as estruturas mentais são constantemente provocadas e modificadas pelas estruturas estruturantes.

É por isso que para a discussão da construção de projetos de futuro, o habitus dos jovens precisa ser posto em evidência, pois, nenhuma ação se constitui como dada ou mesmo natural na sociedade; tudo é construído socialmente.

No segundo capítulo, a discussão privilegiará o cenário escolar à luz de algumas abordagens teóricas, pensando ainda minha experiência como pesquisadora.

Ainda neste capítulo, será apresentada uma questão colocada por uma aluna da escola (por intermédio da entrevista realizada) onde foi feita a pesquisa, onde pude estabelecer um diálogo mais aprofundado acerca de suas inquietações futuras e também sobre o peso que a escola agrega na construção de sua visão de mundo.

No terceiro capítulo, serão aplicadas reflexões teóricas a partir dos dados empíricos que foram coletados. Esses dados representam uma aproximação do pensamento dos jovens sobre os diversos espaços sociais onde estão situados, além de deixar claro suas vontades e desejos posteriores à conclusão do ensino médio.

A investigação acerca das condições econômicas e sociais dos jovens corresponde a uma limitação nesta pesquisa. Apesar de o assunto ser mencionado no texto e existir em algumas tabelas evidências sobre tais condições, o assunto não atinge o aprofundamento teórico e empírico, efetivamente, necessário.

Apesar dessa fragilidade, no cruzamento dos dados empíricos aparecem alguns desdobramentos do capital econômico, que colaborou para que algumas lacunas fossem fechadas.

Com relação à metodologia aplicada, inicialmente foi realizada uma revisão bibliográfica, em seguida foi elaborado um questionário estruturado contendo questões objetivas e abertas.

Foi solicitada à direção, à Coordenação do PIBID Ciências sociais e aos professores das turmas a realização da pesquisa com os alunos.

No dia 24 de outubro de 2014 foi feita a distribuição dos questionários para 37 alunos do turno matutino. Neste mesmo dia, após a devolução dos questionários, a oportunidade de fazer entrevistas se apresentou já que, posteriormente, não haveria mais aulas. Os jovens foram convidados a permanecerem em sala para uma entrevista, o que resultou na permanência de 02 jovens, um garoto e uma garota.

Nos dias 30 de outubro e 14 de novembro de 2014 a distribuição dos questionários se deu para 31 e 41 alunos, respectivamente, do turno vespertino. A intenção de realização de entrevistas foi frustrada já que, os alunos teriam outras aulas.

Nesses três dias marcados, me dirigi à escola e conversei com os alunos antes da distribuição dos questionários. Expliquei para eles o objetivo da pesquisa e também sua importância.

A duração da pesquisa nas turmas teve duração média de 30 a 50 minutos.

Posteriormente à etapa da distribuição dos questionários e da entrevista, foi realizada a tabulação dos dados, utilizando estatística descritiva, e logo o cruzamento dos dados com a abordagem teórica.

A metodologia utilizada se caracteriza, ao mesmo tempo, por qualitativa e quantitativa.

## **Capítulo 1. As juventudes contemporâneas e as nuances da construção de projetos de futuro**

Nas Ciências Sociais, parece existir um consenso em tempos atuais ao considerar a juventude como não homogênea.

Autores como Juarez Dayrell (2012), Pierre Bourdieu (1978), Machado Paes (2006) e tantos outros consideram a existência de um caráter heterogêneo aplicado à juventude. Dessa forma, é preciso considerar o termo “juventudes” no plural, em detrimento de variações existentes.

Bourdieu (1978) destaca a arbitrariedade que a palavra juventude tem em relação ao grupo ao qual se refere. Desse modo, a palavra diz pouco sobre tais grupos, pois, a juventude é uma categoria relacional que possui no tempo e no espaço singularidades e desdobramentos que impossibilitam homogeneizá-la.

Segundo Piccolo (2010) o estabelecimento de divisões etárias e classificações se dão em virtude de intenções organizacionais aplicadas à sociedade, com o fim de estabelecer políticas públicas ou mesmo limitações de atitudes ou ações, pautadas por uma visão determinista em relação ao modo de vida. Isto pode ser problematizado, pois, é uma visão que materializada, acaba por restringir comportamentos.

Ao falar sobre juventudes contemporâneas, se torna indispensável tomá-las como categorias inerentes à modernidade. Isso porque existem elementos que demarcam tais categorias de forma distintiva em relação ao modo de vida no fim do século XIX, como percebe Simmel (1931).

A modernidade promove a crescente individualização, ocasionada pela divisão do trabalho como lembra Durkheim (1999), produzindo uma maneira peculiar de posicionamento dos indivíduos no mundo. Apesar disso, Simmel nos convida a pensar, a partir de seu método microsociológico, como em uma mesma sociedade se formam “sociedades” ou “unidades”, estabelecendo configurações ou modelos de grupo, cujos quais possuem forma e conteúdo próprios.

Seguindo a perspectiva de Simmel, os atores sociais, apesar de se desprenderem do rigor de uma ordem clássica presente na família, religião e demais instâncias de uma época

extremamente marcada pela tradição e disciplinamentos dos corpos em alta amplitude, permanecem com resquícios ou elementos dessa ordem.

Elias (1990) já falava sobre como as transformações das sociedades ocidentais, mediante o estabelecimento do Estado moderno alterou os costumes segundo um curso civilizador.

Elias (1990) se remete à um processo de mudança de uma ideologia extremamente ancorada na tradição, onde assim como Durkheim (1999) pensa, prevalecia o nós sobre o eu. Este eu se confundia com o coletivo de modo a ter, cada indivíduo, um corpo inclinado ideologicamente para um padrão, um nós supremo.

À medida que as transformações sociais vão ocorrendo, destacando a crescente industrialização e especialização das funções como bem explica Durkheim (1999), o coletivo dilui-se em indivíduos que se tornam cada vez mais autônomos e diferentes entre si, seguindo uma lógica associada ao progresso individual, que ao mesmo tempo necessita da cooperação e união dos indivíduos que, apesar de diferentes, estão condicionados uns aos outros para a finalização de tarefas.

Giddens (2002) aponta para a complexidade da modernidade que, oferecendo diversas opções e alternativas de trajetórias a serem seguidas, oferece pouco aparato para a definição de escolhas. É nesse cenário onde se localizam os jovens na contemporaneidade, frente à uma infinidade de opções, mas, ao mesmo tempo, experimentando incertezas e conflitos.

Pais (2006) enxerga as incertezas como produto de um tempo fluido, com poucos direcionamentos e orientações, onde as juventudes diante dessa problemática, tendem a decidir ir para longe daquilo que lhe causam medo e dúvida. Se projetam para viver o agora, experimentando diversos recursos considerados riscos pelos demais atores sociais.

Entre alguns jovens surgem, então, uma forte orientação em relação ao presente, já que o futuro fracassa em oferecer possibilidades de concretização das aspirações que em relação à eles se desenham. Nesses casos, os projetos de futuro encontram-se relativamente ausentes. Ou, existindo, são de curto prazo. O importante é viver o agora. (PAIS 2006, p. 10)

Anteriormente, como já falado, as trajetórias eram bem demarcadas, existia pouca mobilidade social e, nesse sentido, a existência de conflitos em relação à trajetórias e projetos de vida ou de futuro eram pouco prováveis. Em tempos atuais, as juventudes são abarcadas por conflitos existenciais como aponta Giddens (2002).

Se coloca como condição o fator “reflexão” diante de opções tão variadas, mas, isto não quer dizer que por serem variadas são atingíveis. Pais (2006) está justamente preocupado com isso. Tantas opções, porém, as juventudes se questionam em o que escolher e como alcançar aspirações.

É por isso que para o autor, viver o agora se torna tão importante e atrativo para os jovens. Longe de um ideal e cobrança por um futuro, eles encontram a tranquilidade e zonas de conforto. Porque se preocupar com o futuro?

A modernidade reverencia o progresso como uma regra a ser seguida por todos. Isto se torna um padrão ideológico, onde a sociedade de forma geral enxerga aquele que não está preocupado com o futuro como alguém irresponsável, fora do padrão, conforme Durkheim (2007-[1901]) bem discorria sobre a dualidade “normal versus patológico”. Pensando nisso, alguns jovens podem sofrer estigmatizações. Com base na reflexão de Pais (2006), é possível que possam ser tratados como propensos a cometerem desvios. É comum ouvirmos frases do tipo: “— *Na minha época eu não era assim!*”

Convidando Bourdieu (2004) e Elias (2006) para um esclarecimento sobre a ideia de progresso, certamente a mesma seria encaixada em uma perspectiva relacional, pois, será que o que se considera progresso em dias atuais é de fato progresso? não estamos considerando o mesmo seguindo uma lógica linear, ou melhor, por um viés evolucionista? é necessário refletir (...).

O senso comum não possui um conhecimento reflexivo e pautado em investigações, as quais apontam o comportamento das diversas juventudes atuais como produto e consequência da própria modernidade, como parte de um longo processo social não planejado, como se refere Elias (2006), e contribui para a formação de visões preconceituosas em relação aos jovens.

Ao esperar ou pressionar os jovens por uma atitude em relação ao planejamento do futuro, a sociedade reivindica que se cumpra uma linearidade em relação aos percursos, como se os comportamentos devessem se materializar conforme algo já dado ou mesmo já esperado, isto é, o cálculo e o raciocínio são bem aceitos.

## 1.1 A plasticidade e o protagonismo das juventudes contemporâneas

Ainda segundo Pais, é possível entender as juventudes contemporâneas por duas abordagens: a socialização e a performatividade. O autor privilegia a discussão acerca da segunda que, para ele, é bastante emblemática nas juventudes.

No entanto, entre muitos jovens, as transições encontram-se atualmente sujeitas às culturas performativas que emergem das ilhas de dissidência em que se têm constituído os cotidianos juvenis. Ou seja, as culturas juvenis são vincadamente performativas porque, na realidade, os jovens nem sempre se enquadram nas culturas prescritivas que a sociedade lhes impõe. (PAIS 2006, p. 7)

O caráter de performatividade, segundo o autor, remete à um tipo de comportamento que preza o “estar no controle”, característico do protagonismo e da criatividade; longe da presença de regras. Segundo esse raciocínio, as juventudes, de modo geral, se configurariam, pela performance, mas isso não quer dizer que as juventudes não frequentem locais onde há existência de regras.

Conforme coloca Charlot (2007) ocorre uma negociação entre as juventudes e as regras locais. Pode-se dizer ainda, com base nas reflexões do mesmo, que as juventudes têm um caráter plástico, em virtude da possibilidade sempre possível de um reajustamento local. É o caso da inserção dos jovens na dimensão religiosa.

Sabe-se que a dimensão religiosa é extremamente coercitiva, tomando como referência Durkheim (1996) e que age disciplinando os corpos segundo explica Foucault (1997) com o fim de separar os indivíduos de um “mundo” considerado pecaminoso.

Considerando a tendência da fuga de regras pelos jovens, defendida por Pais (2006), é colocada pela jovem entrevistada uma questão nesse sentido.

A jovem frequenta uma igreja, a igreja Assembléia de Deus, conforme declarou, porém, em seu discurso ela diz que não se deixa levar por uma visão limitada que considera promover tal igreja, antes segue uma lógica desprendida dos padrões da mesma apesar de ser membro.

Alves (2010), em um estudo realizado entre jovens pertencentes à Assembléia de Deus em Recife, percebe que além da heterogeneidade da juventude local, há também uma plasticidade no que se refere à permanência na igreja. Desse modo, identifica a autora, estão presentes ali variadas juventudes, que seguem uma lógica, muitas vezes inversa em relação ao

que propõe a hierarquia da igreja. Há uma negociação e um reajustamento promovido por essas juventudes.

Conforme Velho (2006) a linha que separa simbolicamente igreja e mundo tornou-se frouxa na contemporaneidade, de modo que, no interior da igreja como identifica Alves (2010) é possível perceber elementos considerados do “mundo”, como por exemplo, o modo que se vestem grande parte dos jovens no cenário investigado.

Elias (1990) explica como mediante um processo civilizador, o habitus muda e a força da tradição diminui. Com base nisso, é notório considerar que são “eles”, os jovens atuais que promovem as auto-coações seguindo uma lógica própria. Não é mais a hierarquia da instituição coercitiva como a igreja segundo o estudo de Alves (2010), que controla as subjetividades, antes ela está sujeita às negociações da juventude. É nítido como a ordem se inverte no cenário moderno.

A negociação ocorre, porém, não sem conflitos. A autonomia nas decisões sobre as ações e mesmo sobre os valores internalizados é de fato sempre rebuscada para dentro de trilhos, embora sem êxito. Esse não êxito corrobora para uma reconfiguração social dentro da instituição.

Como mostra Magalhães (2014), a igreja é considerada por esses jovens como um ambiente de sociabilidade (categoria que será exposta mais adiante). Nesse ambiente, os diversos jovens encontram seus pares. Falando com base em Simmel (2006), encontram corpos socializados, formando uma “unidade”.

Pappámikail (2012) alerta para a reivindicação dos jovens na contemporaneidade pela autonomia. Segundo a autora, a mesma é um processo psicossociológico desenvolvido pelos indivíduos.

Os conceitos autonomia, liberdade e independência financeira são totalmente distintos, mas são confundidos pela instituição familiar e mesmo por outras instituições clássicas como a igreja.

A família, seguindo o raciocínio da autora, considera o jovem como alguém incompleto e que só está pronto a usufruir de sua própria autonomia no momento em que conquista a independência financeira. Isso ocasiona conflitos, podendo haver uma quebra de regras pelos jovens que, de fato, já são autônomos.

Brandão (2012) lembra que, nos tempos atuais, as longas trajetórias escolares têm se tornado cada vez mais presentes. Isto em virtude do maior acesso à escola.

A aspiração por trajetórias escolares cada vez mais longas por parte dos setores antes excluídos da escola argumenta fortemente na direção da centralidade (e poder) da escola de impor padrões de linguagem e valorização de conteúdos dos currículos oficiais, em direção oposta ao suposto enfraquecimento de seu poder de imposição de uma ordem cultural. (BRANDÃO 2012, p. 57)

Tomando como base o argumento de Brandão e ancorando-o à problemática da autonomia referenciada por Pappamikail (2012) é relevante questionar se um indivíduo que dedica longos anos de tempo aos estudos, deixando o emprego como aspiração mais futura, será sempre considerado “incompleto”.

A visão que a instituição familiar dispensa aos jovens está carregada por símbolos de sua própria geração e pode colaborar para o choque de valores clássicos com valores contemporâneos.

Na abordagem de Mannheim (1982), baseado em uma abordagem geracional, considera que ocorre, em virtude do aparecimento de novos atores sociais, um fenômeno que ele denomina “contato original”. Esse fenômeno se manifesta no momento do contato de uma nova geração de atores com valores já existentes ou tradicionais.

Conforme o autor, tanto a forma como a assimilação de valores já existentes pelas novas gerações, se dará sempre de forma inovada, pois, os novos atores não perceberão os elementos sócio-culturais a eles apresentados da mesma forma que as gerações anteriores. Ocorre, conseqüentemente uma reconfiguração dos valores com a presença de conflitos.

Isso significa, em primeiro lugar, que a nossa cultura é desenvolvida por indivíduos que entram de maneira diferente em contato com a herança acumulada. Pela natureza de nossa constituição psíquica, um contato original (encontrar alguma coisa de modo novo) sempre significa um relacionamento modificado, um distanciamento em relação ao objeto e uma abordagem original na assimilação, uso e desenvolvimento do material oferecido. O fenômeno do “contato original” é, incidentalmente, de grande significação em muitos contextos sociais. (MANNHEIM 1982, p. 74)

Ainda segundo o autor, mediante a presença de novos atores sociais, há uma perda de elementos culturais de forma natural ou mesmo de forma não consciente ou não planejada, lembrado também por Elias (1990). Trata-se de um novo rearranjo social que elimina da teia das relações sociais aquilo que já não é mais útil.

Assim, o aparecimento contínuo de novos seres humanos certamente resulta em alguma perda de possessões culturais acumuladas; mas, por outro lado, somente isso torna possível uma seleção original quando for necessária; ele facilita a reavaliação



do nosso inventário e nos ensina tanto a esquecer o que já não é útil como a almejar o que ainda não foi conquistado. (MANNHEIM 1982, p. 76)

Na perspectiva de Mannheim (1982) e como analisa Velho (2006), a instituição familiar e também a igreja não estão isentas de incorporarem valores modernos. Na modernidade, elas recebem novas configurações e roupagens. Preservam elementos tradicionais, mas são influenciadas pelo novo formato de sociedade que se consolida.

Reforçando o que diz Velho (2006), o estudo de Malvasi (2008) aponta a família como uma instância heterogênea, pois, segundo o autor, ela não transmite um único capital cultural para os filhos.

Parsons (1976) apresenta a família como um sistema de personalidade, porém, é preciso destacar que ela não é a única a promover internalizações de visões de mundo. Sobre isso, Setton (2012) apresenta que, em 1970 ocorreu uma produção intensa de bens simbólicos no Brasil por intermédio da mídia, amparada pela tecnologia. Isso fez com que surgissem outras propostas de socialização.

A partir da década de 1970, com o crescimento de um mercado de bens simbólicos no Brasil, podemos visualizar outra configuração sócio-cultural. Surge um tímido mas aos poucos se consolida um mercado difusor de informações e de entretenimento com forte caráter socializador. Chamo atenção aqui para o surgimento da cultura de massa. Esta, com toda sua diversidade e seu aparato tecnológico, com a capacidade de publicizar conselhos e estilos de vida, passa a difundir uma série de propostas de socialização. Partilha, pois, com a família, a religião e a escola uma responsabilidade educativa. (SETTON 2012, p. 40)

Segundo a autora, instâncias clássicas socializadoras se articularam às novas propostas, produzindo um tipo de habitus que ela denomina “híbrido” em virtude de haver uma associação de práticas discretas, isto é, pouco difundidas com as dimensões socializadoras clássicas. Isso se refere a um movimento criativo que, ao mesmo tempo em que ocorre uma articulação, ocorre também disputas pela atenção dos jovens. Neste sentido, é possível que haja a presença de conflitos em apelo à atenção dos jovens em um cenário rico em possibilidades.

Discutindo as aspirações dos jovens à luz do que apresenta Bourdieu (2004) acerca do habitus, é indispensável destacar que as juventudes, assim como os demais atores sociais, possuem em seus corpos um conhecimento que é histórico, um conhecimento que abarca toda a trajetória de vida. Desse modo, o corpo se antecipa ao pensamento, o corpo fala por meio do conhecimento que está incorporado a si.

Os indivíduos e, neste caso, os jovens, possuem em suas estruturas mentais as estruturas objetivas do espaço social. Desse modo, não colocam em questionamento as ações realizadas, pois estão envolvidos com o “jogo”, jogando o jogo.

É interessante perceber que na base de cada ação e discurso, estão os valores, as normas e o comportamento adquirido por meio do habitus. Nesse sentido, as trajetórias adotadas pelos jovens adquirem na visão de Bourdieu (2004) uma classificação relacional. Isto é importante, pois, desnaturaliza a ideia de que sempre há nos indivíduos a presença do cálculo e da racionalidade para agir ou mesmo atitudes consideradas pelo senso comum como inatas.

Bourdieu (2004) enriquece ainda mais a problemática da ação quando discorre que, em razão de todo o conhecimento incorporado, os indivíduos desenvolvem uma percepção capaz de orientá-los em relação ao próximo passo a dar, pois, já sabem o que ocorrerá depois.

Até aqui discutimos fatores importantes que abarcam, de modo geral, as juventudes contemporâneas: a discussão sobre autonomia, a socialização, a performatividade e o habitus. Existe outra dimensão que se apresenta de forma não menos importante entre os jovens: a sociabilidade.

Com base nas reflexões de Simmel (2006) a sociabilidade está relacionada à interação de determinados indivíduos que, na verdade, se fundem em uma “unidade”. Dentro desta “unidade” está um plano de intenções lúdicas onde os indivíduos se desprendem (quando estão em interação) de suas próprias subjetividades para dar lugar a uma espécie de eu-social.

Com base nos estudos de Chagas (2014) a sociabilidade produz alguns efeitos relativos à relações de poder. Um desses efeitos é a busca por visibilidade, auto-afirmação e reconhecimento dentro do grupo e também frente aos demais atores sociais.

Alguns ambientes favorecem e são tomados como espaços de sociabilidade e, com a reunião dos membros, há uma interação onde é possível verificar elementos de identificação entre os mesmos e também a presença e a aceitação de regras.

A apropriação por espaços pelos jovens se torna um produto da sociabilidade. Por meio destes espaços, eles promovem o controle social, o que permite que a visibilidade almejada por eles seja alcançada. A visibilidade permite ainda o posicionamento e distinção dos jovens em relação aos demais atores sociais.

Os estudos de Almeida Neto (2014), Santos (2014) e França (2014) evidenciam que a busca por ambientes de sociabilidade são traços distintivos dos jovens contemporâneos.

Dentro de cada jovem, por sua vez, estão internalizados elementos clássicos, mas não determinantes de uma visão de mundo, pois, associam-se a esses elementos, outros característicos da modernidade.

As trajetórias dos jovens também se projetam para a satisfação, para a produção de gostos e para o consumo, mas se torna relevante ressaltar que esses componentes estão relacionados aos campos sociais onde os diversos jovens estão situados. Nenhum gosto ou nenhum comportamento é constituído por si mesmo, antes, são o resultado das influências que recebem do lugar onde estão situados.

Em conformidade com Bourdieu (1996), o estudo de Souza (2014) mostra que o consumo está vinculado ao grupo cujo indivíduo está localizado, ligando-se também à visibilidade.

A visibilidade como já tratada por Chagas (2014) se constitui em uma categoria política com fins de auto-afirmação diante da sociedade.

Souza (2014) discorre que alguns elementos consumidos pelos jovens garantem essa visibilidade e trata dos sons consumidos por eles como imagens simbólicas que promovem a interpretação da vida social. Neste sentido, o consumo de determinado estilo musical diz muito sobre a identidade dos sujeitos.

A autora argumenta ainda sobre o consumo de roupas, de correntes pelos rapazes ou mesmo de motos em um contexto periférico do Pará onde fez a pesquisa, apontando que alguns desses objetos garantem visibilidade em relação à atração de meninas, porém o uso desses mesmos objetos é evitado diante da presença da polícia.

As correntes e motos compradas, segundo a autora, são adquiridos em feiras, ou mesmo por meio de trocas, e diante da polícia não há como provar propriedade. Os jovens rapazes acabam por se tornarem marginalizados pelo poder público.

Os conflitos que perpassam as trajetórias dos jovens estão vinculados às identidades ou visões de mundo, formadas por múltiplos referenciais. Assim como o capital cultural, o capital econômico Bourdieu (2004) também é importante para o entendimento do que pensam os jovens acerca de suas trajetórias.

O estudo de Zago (2012) nos meios populares revela que a escola não tem domínio total sobre o comportamento dos jovens. É preciso, segundo ela, compreender as condições sociais e econômicas que os mesmos estão inseridos.

A autora rompe com discurso meritocrático existente na escola atual, denunciada também por Bourdieu (1988) como legitimadora das desigualdades sociais, por não se preocupar com os alunos que não tiveram acesso à conhecimentos indispensáveis. Ao invés de recuperar o capital cultural dos que foram a ele negados, exaltam aqueles que conseguiram por mérito um alto rendimento, em virtude de boas condições econômicas que, por sua vez, são facilitadoras da consecução de capital cultural.

O estudo da autora e as reflexões de Bourdieu produzem reflexões do tipo: como pode ter um bom rendimento escolar, um aluno que chega à escola ainda sem a primeira refeição do dia?

Como destacado anteriormente, a instituição familiar não é a única a influenciar na produção de visões de mundo, (considerando também a dinamicidade atrelada às visões formadas, pois, podem se alterar), mas é preciso ressaltar que essa instituição tem um papel importante em sua relação com a escola e que essa relação em alguma medida pode influenciar nas trajetórias e aspirações dos jovens.

A pesquisa realizada pelo PIBID / UFAL Ciências Sociais (2011-2013) no “Dia da família na escola” comemorado em uma escola pública de Maceió, em maio de 2012, evidenciou que dos dois mil alunos matriculados na escola, apenas 42 pais compareceram ao evento. Apesar disso, é válido ressaltar que alguns desses pais afirmaram participar do Conselho Escolar e ainda que a maioria desses pais que compareceram (52,4%) acompanham diariamente os deveres de casa dos filhos.

O fato de esses pais estarem presentes no evento, acompanharem os deveres de casa dos filhos, como também se envolverem participando em intensa medida por intermédio de uma inserção de caráter funcional dentro da escola, revela a existência de um capital cultural transferido aos filhos. Isso ilustra bem o que Bourdieu (1996) pontua sobre a noção de interesse que, por sua vez, traz consigo o investimento, como veremos à pouco.

À medida que as juventudes são influenciadas no jogo social, seja pelo capital cultural da própria família e outras instâncias já citadas, elas também influenciam. Desse modo, é

preciso entender como as diversas juventudes atuam nesse jogo, quais os conflitos enfrentados, como e a partir de que se dá o investimento por determinadas trajetórias.

Bourdieu (1996) esclarece que o investimento se dá em virtude do interesse dispensado à campos sociais. Para isso, é preciso estar “situado” ou mesmo pertencer à determinados campos para que haja tal investimento.

A produção de gostos pode partir de variados campos sociais. No curso da vida dos jovens, os mesmos têm contato com diversas experiências que, por sua vez, influenciam também na definição de trajetórias.

Dayrell (2012) mostra como a dimensão do trabalho pode ser extremamente educativa, modeladora de identidades e formadora de visões de mundo. Para o autor, é preciso considerar às diversas experiências juvenis. Permanecer estudando o comportamento do jovem estritamente dentro da escola é cair no reducionismo.

Ainda segundo o autor, é preciso considerar que os jovens vão à escola carregados de símbolos, adquiridos fora da escola. Neste sentido, vários campos sociais moldam seus comportamentos.

Paixão (2007) informa que a escola atual tem deixado nas mãos dos jovens, enquanto alunos, a responsabilidade da construção do sentido atribuído a ela.

A questão que reclama por resposta se refere à como os jovens constroem suas trajetórias e quais os elementos definidores e que compõem as construções.

Como pensar o futuro mediante a uma valorização tão intensa pelo presente como discute Pais (2010)? essa dificuldade se coloca.

Há de fato o que se pode chamar de planejamento de um futuro, mesmo que incerto em tempos atuais como Giddens (2002) supõe? se há, o que está na base desse planejamento? o habitus defendido por Bourdieu (2004)?

O que orientam os jovens?

O que pensam ser um projeto de futuro? estão de fato preocupados com o futuro ou desviam-se dele conforme defende Pais (2010)?

O futuro está mesmo inatingível do ponto de vista dos jovens como coloca Giddens (2002)?

O presente se dilui por um excesso de preocupação com um plano futuro? essas questões serão investigadas.

## **1.2 Juventudes: “Vez e voz” na sociedade moderna**

Para Amarante Brandão (2014), é a partir dos anos 1960 que os jovens ganham visibilidade. Segundo ela, o que está por trás disso é a construção de suas representatividades, possíveis pelos meios de comunicação e pelo consumo.

A abordagem da autora se aproxima da de Setton (2012) que referencia as múltiplas opções de estilos de vida que se colocam frente aos jovens a partir dos anos 1970 no Brasil, porém, traz para o debate a ideia de que os jovens atuais articulam processos de auto-invenção de estilos de vida.

Segundo a mesma autora, no cenário atual, o jovem torna-se um participante ativo no espaço público na defesa das diferenciações e estilos de vida produzidos por eles frente à uma cultura hegemônica.

Assim como Pais (2006) a autora identifica ainda um movimento criativo juvenil que associa a vida profissional ao *Hobby*. Desse modo, as juventudes desenvolvem sensibilidades para lidar com o que tem materialmente e manifestam isso explorando o caminho entre a vocação, o aprendizado, a vida profissional e o *Hobby*.

É perceptível, com base na autora, entre os jovens na Paraíba, onde realizou seu estudo, o protagonismo, elemento também destacado por Pais (2006), que observa uma apropriação do espaço social e a busca de autonomia para pô-la em prática.

A autora Amarante Brandão (2014) dialoga ainda com Almeida (2012) que apresenta o jovem como um novo ator social criativo e que estabelece um novo fazer, ou seja, ele se desprende da ideia do fazer original, realizando a atividade à sua própria maneira.

Esse novo fazer criativo e de caráter protagonista do jovem atual se aplica nitidamente ao campo profissional.

Mannheim (1961) se referindo à atuação das juventudes no espaço público mostra que é a estrutura social que irá determinar suas atuações. Em outras palavras, Mannheim está preocupado com a função das juventudes. Acredita ele, ser elas as “reservas latentes” da sociedade. Dependerá da estrutura social, integrá-las e mobilizá-las dentro de si.

O autor se mostra crítico no que se refere à considerar que as juventudes não possuem interesses e ideais. Para ele, isso depende do modo como a sociedade enxerga a juventude.

Em uma sociedade considerada estática, conforme o autor, quem dita as regras e manipula o espaço social são os adultos e velhos, esses têm status, em contrapartida, os jovens são vistos como seres incompletos e ainda em formação, tanto do ponto de vista biológico, como intelectual.

Mannheim (1961) indica a existência de outro modelo de sociedade, a sociedade dinâmica que, por sua vez, acredita nas reservas latentes da população, “os jovens”, e investem por intermédio da educação na incorporação e preparação das juventudes para terem voz ativa na sociedade. Neste caso, segundo o autor, as juventudes passam a ter “função”.

Considerando a visão de Bourdieu (2004), até mesmo a voz ativa que teriam as juventudes em sociedades de caráter dinâmico e a inatividade das juventudes nas sociedades estáticas revela um habitus dispensado pela estrutura social inclinando-se para um ou outro modelo de juventude (ativa ou não), pois, conforme o autor, por trás de um interesse está o habitus incorporado e, neste caso, um habitus presente na estrutura social.

## Capítulo 2. Quando o “campo” é a escola

A escola Estadual Moreira e Silva está localizada no bairro do Farol, mais precisamente no interior do Centro Educacional de Pesquisas Aplicadas (CEPA).

Tal escola atende a alunos que cursam o ensino médio.

A equipe da escola é composta por diretor, vice-diretor, coordenadores, supervisores, secretários, professores, funcionários de serviços gerais e merendeiras.

A razão pela escolha desta escola para a materialização desta pesquisa foi por me considerar já dentro do campo, uma vez que fiz parte do PIBID-UFAL Ciências Sociais por quase dois anos, além de ter realizado os quatro estágios obrigatórios do curso de graduação nesta mesma escola. Diante disso, eu já me sentia bastante à vontade com a direção, professores e alunos, pois, eles já me conheciam ao longo de dois anos corridos (2012-2014).

Tendo como base a experiência do PIBID-UFAL, acompanhei algumas dificuldades que vivenciam professores e alunos.

Uma dificuldade enfrentada pelos professores, se apresenta na dificuldade em despertar o interesse dos alunos. Nos momentos de intervalo, eu pude acompanhar as queixas de vários professores.

Uma dificuldade que atinge não somente os professores, mas também os alunos é a questão de reservas de material ou sala. Em alguns momentos, presenciei quando os planos para a aula da professora de sociologia, na época minha supervisora, foram frustrados. Diante da impossibilidade de materializar o que havia planejado para a aula, ela simplesmente olhava para a equipe e dizia: “— *vocês estão vendo o que aconteceu? é por isso que é sempre preciso ter um plano B*”. E de fato ela tinha.

Participar do programa, cumprir os estágios e agora ter realizado esta pesquisa, enquanto estudante de Ciências Sociais me permitiu desmistificar várias pré-noções que eu tinha em sobre a relação aluno-professor.

Desenvolvi, enquanto pesquisadora, digo isto me referindo à participação no programa e também mediante a realização desta pesquisa que apresento, um olhar sociológico e claro, bem diferente do que eu tinha antes.



Se diluíram as visões ideais de uma sala de aula, antes considerada por mim (ou melhor pelo meu habitus incorporado, pois agora sei, “o corpo fala”), como um lugar onde o direito de voz é somente dos professores.

À medida que o tempo passava, minhas experiências de pesquisa e meu olhar aguçavam e se inclinavam para as bases que sustentam as ações do aluno e do professor.

Passei a ter como preocupação acadêmica, a busca pelo entendimento do que é juventude, das especificidades da mesma, de seu comportamento pelos vários espaços sociais, tendo a certeza, a partir das leituras de Dayrell (2012), quando faz o convite para se “procurar o jovem no aluno”, que não se pode esquecer que o aluno não é só aluno, antes, com base em Parsons (1976), “ser aluno” é somente “um” dos inúmeros papéis sociais que ele ocupa na sociedade.

Nadir Zago (2012) enriquece os estudos sobre juventudes quando inclina suas preocupações teóricas para as condições sociais como caminho para entender o comportamento, o rendimento e outras questões específicas de cada aluno na escola.

Segundo a autora, é preciso entender o aluno, fora e para além dos muros da escola, ideia essa que Dayrell (2012) também é de acordo.

Em uma conferência realizada em 10 de agosto de 2012, no **Seminário Juventudes Contemporâneas: Rupturas, permanências e inventividades**, Juarez Dayrell discorre que a escola não vem acompanhando o ritmo dos alunos que, como jovens são o resultado de múltiplos processos de socialização.

Ainda no seminário, Dayrell defende que o não entendimento do novo jovem dificulta as relações com ele. Neste caso, a escola, como também outras instâncias, segundo o autor, deve estar preocupada com a busca pela compreensão desse novo jovem.

Durante o momento de entrevista com a aluna, fiz alguns questionamentos acerca de questões como motivação e sentido da escola. A mesma, destacou inicialmente que considera que a maioria dos professores das disciplinas estabelecem um grande distanciamento com os alunos.

Nas palavras da aluna: “— a maioria dos professores não tem aproximação nenhuma com a gente. Eles vêm, dão aula e saem. Às vezes a gente vai justificar alguma coisa, aí eles dizem

*“não quero saber, é problema seu!”*. Nesse momento, o jovem também entrevistado balançou a cabeça, mostrando concordar com a fala da jovem.

A partir dessa narrativa, pude perceber que, pelos menos esses dois jovens, esperam que o professor seja mais do que alguém que transmite conhecimentos. Ficou claro que esses jovens sentem a necessidade de uma maior aproximação dos professores. Uma abertura maior para o diálogo ou mesmo para questões que não se referem diretamente às disciplinas.

De fato, como percebe Juarez Dayrell, o perfil dos jovens mudou. Conforme apresentou no seminário, eles “os jovens” trazem novas demandas e clamam por maior visibilidade. No caso da escola, reivindicam uma maior atenção e aproximação dos professores.

### Capítulo 3. O que querem e pensam os jovens pesquisados

A idade dos alunos investigados varia entre 16 e 28 anos.

Dos 109 alunos (sujeitos da pesquisa), 41,28% são garotos e 58,71% são garotas.

Para a compreensão prática daquilo que Bourdieu (2004) conceitua por capital cultural, pode-se tomar como demonstrativo um dado na tabela 1, que mostra, no caso das garotas, que 54,68% delas recebem acompanhamento no momento em que realizam suas tarefas escolares.

**Tabela 1 – Seus pais ou parentes te acompanham na realização das atividades escolares?**

	<b>Garotos %</b>	<b>Garotas%</b>
São acompanhados (as)	33,33	54,68
Não são acompanhados (as)	62,22	40,62
Não respondeu	4,44	4,68

Pesquisa direta, Outubro e Novembro de 2014.

O fato de os pais dispensarem um tempo para o acompanhamento mencionado revela um investimento, que se funda no interesse desinteressado que trata o autor. Sem refletirem sobre a ação que realizam, mas deixando que os corpos os orientem segundo o que está a ele incorporado, revela um habitus e a transferência de um capital cultural nas teias das relações sociais estabelecidas.

Um ponto curioso para questionamento é o fato de que o processo inverso ocorre com os garotos que, conforme mostra a mesma tabela não são, em sua maioria, orientados nas tarefas.

Embora, metodologicamente, as tabelas tenham sido construídas fazendo-se separação por sexo, com intenção apenas de observar particularidades (o que de fato foi identificado), as possíveis particularidades ou discrepâncias observadas entre os sexos não serão aqui esclarecidas ou investigadas, o que não impede uma análise futura.

Atentando agora para a tabela 2, é possível perceber que os percentuais mais expressivos em relação à escolaridade dos pais se concentram no nível fundamental incompleto. Apesar disso, não se pode afirmar que o acompanhamento das garotas recebe um formato apenas de “cobrança”, pois, é possível que os pais com o ensino médio ou superior e

os que possuem o nível médio incompleto, ainda que com percentuais representativos inferiores, dispensem a elas orientações em relação ao próprio conhecimento das disciplinas.

**Tabela 2 - Qual a escolaridade dos seus pais?**

<b>Garotos</b>	<b>Pai</b>	<b>Mãe</b>	<b>Garotas</b>	<b>Pai</b>	<b>Mãe</b>
Fundamental Incompleto	35,55 %	40%	Fundamental Incompleto	32,8%	43,75%
Fundamental Completo	13,33%	6,66%	Fundamental Completo	14,06%	18,75%
Médio Incompleto	8,88%	4,44%	Médio Incompleto	7,81%	4,68%
Médio Completo	26,66%	33,33%	Médio Completo	20,31%	20,31%
Superior Incompleto	2,22%	2,22%	Superior Incompleto	0%	3,12%
Superior Completo	2,22%	6,66%	Superior Completo	4,68%	1,56%
Não Respondeu	11,11%	6,66%	Não Respondeu	20,31%	7,81%

Pesquisa direta, Outubro e Novembro de 2014.

A questão aqui a ser respondida se volta para as aspirações da amostra de jovens coletada, tendo como ponto de partida saber quais os elementos subjetivos e concretos orientam ou não a construção de projetos de futuro.

A tabela 3 revela que 60% de 22% dos garotos que trabalham, o fazem para adquirir independência financeira.

**Tabela 3 - Você trabalha?**

<b>Garotos</b>	<b>%</b>	<b>Motivos atribuídos</b>	<b>%</b>
Sim	22,22	Necessidade	30
		Adquirir Independência	60
		Tempo Livre	10
Não Respondeu	77,77		
Não respondeu	0		
<b>Garotas</b>	<b>%</b>	<b>Motivos atribuídos</b>	<b>%</b>
Sim	14,06	Necessidade	44,44
		Adquirir Independência	44,44
		Experiência	11,11
Não Respondeu	85,93		
Não respondeu	0		

Pesquisa direta, Outubro e Novembro de 2014.

Segundo o que discorre Pappamikail (2012), a independência financeira conquistada pelo jovem, significa para a família o elemento fundamental para permitir que o mesmo goze de sua autonomia. Apesar disso, na tabela 4 os dados mostram que 75,5% dos pais ou parentes dos garotos e 78,12% dos pais ou parentes das garotas apoiam as escolhas, decisões e objetivos desses jovens.

**Tabela 4 - Seus pais ou parentes apoiam suas escolhas, decisões e objetivos?**

<b>Garotos</b>	<b>%</b>	<b>Garotas</b>	<b>%</b>
Sim	75,55	Sim	78,12
Não	6,66	Não	4,68
Às vezes	13,33	Às vezes	17,18
Não respondeu	4,44	Não respondeu	0

Pesquisa direta, Outubro e Novembro de 2014.

**Tabela 5 - Como você costuma agir no momento em que seus familiares não concordam com a maneira que você pensa ou escolhe realizar determinada ação?**

<b>Garotos</b>	<b>%</b>	<b>Garotas</b>	<b>%</b>
Faço conforme eles pedem	8,88	Faço o que mandam	21,87
Persisto em fazer o que quero	15,55	Sigo em frente com meu objetivo	14,06
Tento ignorar	2,22	Tento descobrir o por quê	9,37
Questiono até descobrir o por quê	13,33	Tento convencê-los	7,81
Não tenho esse problema	2,22	Converso para chegar em um consenso	12,5
Não respondeu	57,77	Não respondeu	34,37

Pesquisa direta, Outubro e Novembro de 2014.

A autonomia parece tomar uma configuração diferente do que mostra a autora, na medida em que a maioria dos pais e parentes parecem dispensar maior confiabilidade e protagonismo aos jovens pesquisados sobre suas ações. Isto pensando nos dados da tabela 4.

Na tabela 5, logo acima, observa-se que existe uma reivindicação por autonomia, como trata a autora, tanto em relação aos meninos quanto em relação às meninas, com percentuais respectivos de 14,06% e 15,55%.

Ainda nesta tabela, é verificado uma aceitação significativa à vontade dos familiares e parentes por parte das meninas (21,87%), indicando que a autonomia é, em muitos casos, colocada sob a guarda da família ou responsáveis. A autonomia, por sua vez, se configura em uma categoria relativa.

Na entrevista realizada com um garoto da escola acerca dos gostos e identificações, o discurso do jovem convergiu com o que trata a autora.

O jovem é impedido de utilizar sua autonomia quanto à questão de “ir à igreja”, fato destacado por ele. Em seu discurso ele disse: “— *meus pais me obrigam a ir à igreja. Eu gosto mesmo é de curtir Rock. As pessoas na igreja tem o pensamento muito...*” (gesticulou imitando o acessório que se costuma colocar nos cavalos para que estes não desviem o olhar para os lados. Gesticulou sem conseguir nomear tal pensamento dos membros da igreja).

Conforme já discutido, a modernidade traz consigo a busca pelo progresso. Neste sentido, é válido dizer que os jovens não estão isentos dessa busca, a começar pela reivindicação daquilo que já é deles, a autonomia, por ser um processo desenvolvido cognitivamente e também socialmente. Diante disso, as juventudes parecem dar sinal de que buscam algo, talvez visibilidade e auto-afirmação, conforme Chagas (2014) anuncia.

Giddens (2002) falando acerca do caráter multifacetado da modernidade, parece tomar a “escolha” como categoria ligada à noção de projeto, dando a impressão de que a modernidade traz consigo um controle sobre todos os corpos. Todos devem escolher algo, um ideal de futuro e ao mesmo tempo refletir sobre isso, o que antes dos tempos modernos não era verificado. Neste sentido, vale uma reflexão sobre o diálogo com uma aluna durante a entrevista:

*“— eu queria muito no ano que vem fazer faculdade, mas, o meu filho tá muito pequenininho e quando ele ficar maiorzinho eu vou ter que procurar um trabalho pra ajudar o meu esposo! tá muito pesado pra ele.”*

E quanto à faculdade? perguntei.

Nesse momento observei que seus olhos passaram a adquirir um brilho extra. Imediatamente ela afirmou: “— *a minha faculdade eu vou fazer, não vou desistir, é meu sonho!*”

Por que você quer fazer faculdade?

*“— ah! pra ter uma formação, pra ser alguma coisa na vida.”*

Essa última narrativa da garota remete justamente à um ideário de progresso e ainda ao que Giddens (2002) parece afirmar quando fala desse caráter multifacetado do cenário

moderno como se dirigisse os corpos à escolhas. Em dias atuais é necessário ser algo, escolher algo. É possível inferir que “ser alguma coisa na vida” se constitui em uma representação subjetiva que sustenta a aspiração almejada.

Essa tendência à escolha é uma construção social que virou uma espécie de lei, embora não tratada nos discursos aleatórios entre os atores sociais. A vida moderna parece estar pautada em direção à um caminho que “exige” escolhas.

A escolha por “ser independente” também está presente em um dado da tabela 3, mostrando que 44% das garotas a buscam por meio do trabalho. Este se transforma em uma ponte para a independência e fonte também para a realização de si no dia-a-dia, conforme mostra a tabela 6 em que o almejo por trabalho aparece quatro vezes entre as garotas, com percentuais de 1,56 cada e uma vez citada como uma aspiração de garotos, só que em modalidade de estágio, com 2,22%.

**Tabela 6 - Entre as coisas que você tem vontade de fazer no seu dia-a-dia, existe alguma que você não consegue ou não pode realizar? Qual a razão?**

Garotos		%	Garotas		%
Ação almejada	Impedimento		Ação almejada	Impedimento	
Jogar bola	O trabalho	2,22	Ficar na internet	Conta de energia	1,56
Curso de inglês	Falta de condições financeiras	2,22	Sair com amigos	O pai não permite	1,56
Pular de paraquedas	Falta de condições financeiras	2,22	Trabalhar	Menor de idade	1,56
Assistir um programa de manhã	A escola	2,22	Fazer cursos e trabalhar	O filho	1,56
Estagiar como jovem aprendiz	A família impõe dedicação somente aos estudos	2,22	Trabalhar	Não consegue emprego	1,56
Namorar	A família da garota não permite	2,22	Trabalhar	A escola	1,56
Academia	Falta de condições financeiras	2,22	Trabalhar	Os pais querem dedicação somente aos estudos	1,56
Sair com amigos	A violência	2,22	Ir à qualquer lugar só	Possui problema epilético	1,56
Jogar bola	Falta de Tempo	2,22	Aulas de violão e fotografia	Falta de tempo	1,56
Atividade Física	Estuda os três horários	2,22	Aula de inglês	Falta de tempo	1,56
Não		33,33	Ir à festas	O pai não deixa	1,56
Não respondeu		44,44	Fazer cursinho no contato	Falta de condições financeiras	1,56
			Trabalhar	A escola	1,56
			Viajar	É menor de idade	1,56
			Não		50
			Não respondeu		28,12

Pesquisa direta, Outubro e Novembro de 2014.

A aspiração por um trabalho é relacional em outros contextos, pois, observando a tabela 6 o percentual de 2,2% de garotos que desejam “jogar bola” como forma de realização no dia-a-dia, a variável “trabalho” assume um sentido inverso do proposto na tabela 3.

Em um dado momento, durante a realização da entrevista, a garota (a mesma tem 17 anos e tem um filho) afirmou que após terminar o ensino médio, irá em busca de um trabalho, no intuito de ajudar o esposo que está, segundo ela, com muitas despesas por causa do filho. Neste caso, o trabalho não se configura com um projeto de futuro ou mesmo como aspiração. As condições sociais e econômicas é que encaminham a jovem a escolher ir em busca de um trabalho após a conclusão do ensino médio.

Através de alguns dados da tabela 6, quando o assunto é trabalho, observa-se que as aspirações são relacionais. Dependendo de contextos e momentos circunstanciais, elas podem assumir diversos sentidos, ora como realização, ora como bloqueio para outras aspirações. Nesta perspectiva, é válido citar a ideia de Bourdieu (2004) em relação ao atravessamento dos campos onde se verifica o conflito.

Ainda sobre o desejo por um trabalho, na tabela 3 aparece um dado que incita a curiosidade. 11,11% das 14,06% das garotas que trabalham, justificaram fazê-lo em detrimento de adquirir “experiência”. Isto remete ao que Almeida (2012) salienta sobre as juventudes atuais, que assumem um caráter criativo em relação ao fazer. Ao mesmo tempo, a experiência pode proporcionar a produção de gostos e identificações, promovendo simultaneamente novas incorporações pelos atores sociais.

Um projeto de conseguir algo, depois que concretizado, em outras circunstâncias pode se diluir em uma não-aspiração, dependendo do que está em jogo, ou melhor, dependendo da apresentação de outros desejos que são também incorporados. É o que Charlot (2007) denomina “efeito ioiô”.

As aspirações dos jovens, em muitos casos, adquirem uma configuração relacionada à sociabilidade, como podemos perceber ainda na tabela 6, pois, quando questionados acerca dos desejos de ações que por algum motivo não podem ou não conseguem realizar, várias atividades aparecem. Em sua maioria, atividades que prezam pela interação. As aspirações apresentadas foram as mais variadas, conforme mostra a tabela.



Em um momento da entrevista como o jovem, o mesmo expressou: “— *o que eu queria mesmo pra minha vida é montar uma banda de Rock!*”

A partir do aprofundamento do diálogo, o jovem afirmou que participa de encontros programados por amigos que também curtem Rock. Isso é revelador da existência de sociabilidade.

Embora os percentuais mais expressivos entre os respondentes garotos e garotas sejam, respectivamente, 33% e 50% na tabela 6, significando não haver impedimento para a realização daquilo que almejam, qualitativamente, é imprescindível prestar atenção nos dados de menor alcance, pois, os mesmos podem ser reveladores quanto à interpretação da vida social.

Com relação ao impedimento na realização de desejos, ainda na tabela 6, a família aparece duas vezes como bloqueadora destes (em relação ao trabalho para uma garota e ao estágio no caso de alguns garotos). Neste sentido, o conflito se torna preponderante.

Outros dados ainda na mesma tabela, revelam que o impedimento de algumas aspirações é a falta de capital econômico. Este, segundo Bourdieu (2004), pode produzir capital cultural em virtude da acessibilidade de alguns bens ou experiências que, em relação à construção de gostos, adquire um caráter simbólico.

A falta de capital econômico, evidenciado na tabela aparece duas vezes entre as garotas, que recebem um percentual representativo de 1,56% cada. Uma das garotas gostaria de ficar na internet, porém, em virtude da “conta de luz” apresentada como impedimento, a concretização do desejo é impossibilitado. Outra garota gostaria de fazer um cursinho, mas é impedida de fazê-lo pela falta de condições financeiras.

Esses dados que se referem à falta de capital econômico sugere relevância ao que Zago (2012) diz, quando afirma que para entender o aluno deve-se considerar as condições sociais nas quais o aluno está inserido. Neste sentido, fica nítido que é preciso ir para além da escola para entender os jovens, ou seja, o que pensam, os conflitos vivenciados e os bloqueios em relação àquilo que consideram importante para suas vidas, destacando que a importância atribuída por eles é resultado de diversas influências de campos sociais onde os indivíduos estão situados.

Segundo o que foi discutido por Setton (2012), a socialização produz “habitus”. Instâncias socializadoras clássicas como a família, a escola e a religião, associam-se às novas propostas de socialização a partir de 1970, momento em que há uma produção em massa de bens de caráter simbólico no Brasil. Estes por sua vez, passaram, em maior amplitude a influenciar no jogo social, na produção de gostos e identificações, disputando a atenção dos jovens.

Analisando as tabelas 2, 7 e 8, tomando como ponto de partida a tabela 2 sobre a escolaridade dos pais, com percentuais mais expressivos para a escolarização no nível fundamental como já tratado, mas associando essa constatação à tabela 7, que mostra o que os jovens almejam fazer após a conclusão do ensino médio, cujos resultados entre os garotos e garotas remetem para a conquista de cursar faculdade, com percentual de 57,77% entre os garotos e 81,25% entre as garotas e a certeza provável que demonstra os percentuais mais expressivos na tabela 8, com 40% entre os meninos e 42,18% entre as meninas é bastante intrigante.

**Tabela 7 - O que você gostaria de fazer após a conclusão do ensino médio? Justifique.**

Garotos		%	Garotas		%
	Justificativa			Justificativa	
Trabalhar	Independência Financeira	33,33	Faculdade	----	81,25
Trabalhar	Pular de paraquedas	2,22	Trabalhar	Independência financeira	10,93
Faculdade	----	57,77	Trabalhar	Ajudar nas despesas de casa	4,68
Servir às forças armadas	----	2,22	Descansar / Viajar	----	1,56
Se dono de uma loja de vídeo Game	----	2,22	Ainda não sabe		1,56
Ainda não sabe	----	2,22	Não respondeu		0
Não respondeu	----	0			

Pesquisa direta, Outubro e Novembro de 2014.

**Tabela 8 - De acordo com suas previsões, o que você tem praticamente certeza que ocorrerá após a conclusão do ensino médio?**

Garotos	%	Garotas	%
Faculdade	40	Faculdade	42,18
Procurar um emprego	33,33	Trabalhar	40,62
Servir às forças armadas	4,44	Me casar	3,12
Passar no ENEM	4,44	Curso profissionalizante	3,12

Nada	2,22	Ficarei c/ o tempo livre	1,56
Farei um curso técnico	2,22	Curso técnico	1,56
Não tenho previsões	6,66	Não sei	7,81
Não respondeu	6,66	Não respondeu	0

Pesquisa direta, Outubro e Novembro de 2014.

O que está na base de um maior desejo de cursá-la? no sentido em que Bourdieu coloca, de onde partiu a incorporação desse almejo?

Buscando encontrar vestígios de resposta, partiremos para a tabela 9 onde os jovens são questionados sobre a funcionalidade da escola.

**Tabela 9 - Para você, qual a função da escola?**

Garotos	%	Garotas	%
Ensinar	37,77	Ensinar	28,12
Educar	13,33	Educar	15,62
Prepara para o futuro	33,33	Prepara para o futuro	42,18
Prepara para viver em sociedade	4,44	Prepara para viver em sociedade	1,56
Lugar de encontrar com os amigos	2,22	Lugar de encontrar com os amigos	10,9
Não sei	2,22	Formar jovens	1,56
Não respondeu	6,66	Não respondeu	0

Pesquisa direta, Outubro e Novembro de 2014.

De acordo com a tabela, entre os garotos os percentuais de resposta mais expressivos indicam que a função da escola sob seus pontos de vista é ensinar, com percentual de 37,77% e preparar para o futuro, com percentual de 33,33%. No caso das garotas, o percentual mais expressivo se inclina para a preparação para o futuro, onde o percentual atingiu 42,18 entre elas.

Ainda investigando, partiremos agora para a tabela 10, onde os jovens são questionados acerca da presença da motivação ou ausência da mesma para irem à escola.

**Tabela 10 - Você se sente motivado para ir à escola? Por quê?**

**Garotos**

Sim	Justificativa	%	Não	Justificativa	Às vezes	Justificativa	%	
68,8%	O racha	4,44	24,44%	Método ultrapassado	6,66	Não justificaram	0	
	O ensino	6,66		É muito chato				2,22
	Os colegas	13,33		Não gosto de estudar				2,22
	Crescer na	2,22		Lugar				2,22

vida		monótono e cheio de pessoas burras	
Gosto do ambiente	2,22	Não me atrai	2,22
Segunda casa	2,22	Não justificaram	13,33
Pode mudar meu futuro	2,22		
Não justificaram	35,55		

Pesquisa direta, Outubro e Novembro de 2014.

#### Garotas

Sim	Justificativa	%	Não	Justificativa	%	Às vezes	Justificativa	%	Não resp.
	Ela garante um futuro melhor	56,52		Os professores faltam	25				
	Conhecimento	2,17		Os professores não se esforçam	25				
71,87%	Aulas e amigos	2,17	6,25%	A escola não estimula	25	9,37%	Não justificaram		12,5
	Amigos	4,34		Não justificaram	25				
	Minha mãe me estimula a não ser como ela	2,17							
	Não justificaram	32,60							

Pesquisa direta, Outubro e Novembro de 2014.

Os dados da tabela mostram que 68,8% dos garotos se sentem motivados para irem à escola. As justificativas para tal motivação foram as mais diversas. Os percentuais mais expressivos das razões dos respondentes foram “os colegas” que obtiveram o percentual de 13,33%, seguido do “ensino” com 6,66%.

No caso das garotas, a motivação para ir à escola se baseia na “garantia de um futuro melhor” recebendo um percentual de 56,52%.

Com base nos dados apresentados, pode-se concluir que a maioria das garotas enxerga a escola como ponte para o alcance de sua aspiração que é a faculdade, que como mostrado anteriormente, o percentual representativo foi de 81,25%. Neste sentido, é nítida a influência exercida pela escola para a construção de projetos, vista como ponte para o futuro, embora na tabela 12 (mostrada mais adiante), evidencia que 43,75% das garotas estudam por obrigação.

Esse dado mostra que o conhecimento não integra à base para a conquista da aspiração de fazer faculdade.

A escola, juntamente com as outras instâncias socializadoras que dispensam influências, descritas na tabela 11 logo abaixo, como a sociabilidade observada a partir da saída com amigos (21,87%), a TV (15,62%) e a leitura (12,5), etc. no caso das garotas e Internet e redes sociais (20%) e jogar bola (22,22%), etc. no caso dos garotos, podem contribuir para a produção do ideal de cursar uma faculdade, embora nenhuma delas, isoladamente, determine esse ideal.

**Tabela 11 - O que você faz por prazer durante o tempo livre? (De segunda a sexta e nos fins de semana).**

<b>Garotos</b>	<b>%</b>	<b>Garotas</b>	<b>%</b>
Internet e redes sociais	20	Internet e redes sociais	6,25
Namorar	17,77	Namorar	12,5
Sair com amigos	6,66	Assistir TV	15,62
Assistir TV	8,88	Sair com amigos	21,87
Estudar	11,11	Estudar	9,37
Tocar guitarra e violão	6,66	Ir à igreja	6,25
Ir à igreja	8,88	Ler	12,5
Ouvir música	6,66	Ir à praia	10,93
Sexo	6,66	Ir ao cinema	7,81
Ler	6,66	Ouvir músicas	4,68
Comer	2,22	Assistir filmes	6,25
Escrever	4,44	Sair com a família	7,81
Assistir filmes	8,88	Dormir	28,12
Viajar	2,22	Academia	6,25
Jogar bola	22,22	Não respondeu	0
Ensaiar no coral da escola	2,22		
Nada	4,44		
Fumar	2,22		
Ajudar a mãe	2,22		
Não respondeu	4,44		

Pesquisa direta, Outubro e Novembro de 2014.

A família também passa a ser reveladora para a aspiração em relação às garotas, já que na tabela 10 há a presença da seguinte narrativa: “minha mãe me estimula a não ser como ela!”. Essa fala sugere uma motivação para a filha em relação ao “ir à escola.

Segundo Giddens (2002) o elemento de reflexão está presente na modernidade. Neste sentido, o conselho da mãe para a filha pode produzir reflexões acerca das trajetórias a serem seguidas, sem desprezar o que Mannheim (1982) diz acerca da assimilação peculiar que ocorre nas novas gerações, podendo haver uma ressignificação de elementos considerados legítimos pelas gerações anteriores.

Por outro lado, o capital cultural dos pais também influencia muito no comportamento dos filhos. Em termos práticos, o que os pais se tornaram já é uma influência direta para os filhos, que podem aderir ou não a elementos culturais presentes na família.

Com base em Velho (2006), apesar da influência da família, como instituição clássica e de referência para os filhos, ela não está isolada dos valores que surgem na contemporaneidade, podendo haver a promoção de mudanças ideológicas na mesma, mudanças essas que se apresentam também para os filhos, produzindo, moldando e influenciando as relações sociais e desenhando outros padrões do comportamento familiar na modernidade.

Embora as aspirações dos garotos se inclinem em maior proporção para a realização de uma faculdade, como mostra a tabela 7, e a quase certeza que a farão, mostrada na tabela 8, fica nítido que a escola influencia na construção dessa aspiração, porém não determina.

Outra pista a destacar e que consta na tabela 9 é o percentual mais expressivo em relação à função da escola para os garotos, que é de ensinar, com percentual de 37,77%. Apesar disso, não se pode afirmar que os garotos tenham a intenção de utilizar o conhecimento para algum fim. Com base nisso, a tabela 12 abaixo mostra que a ação de estudar é materializada por obrigação entre os garotos, obtendo o percentual de 42,22%.

**Tabela 12 - O que você faz por obrigação? (de segunda a sexta e nos fins de semana)**

<b>Garotos</b>	<b>%</b>	<b>Garotas</b>	<b>%</b>
Vivo em um país com tanta corrupção	2,22	Arrumar a casa	35,93
Dormir	2,22	Cuidar dos meus irmãos	3,125
Ajudar na limpeza da casa	20	Nada	12,5
Nada	20	Trabalhar	1,56
Arrumo meu quarto	2,22	Cuidar do meu filho e marido	1,56
Estudar	42,22	Estudar	43,75
Trabalhar	8,88	Pagar contas	1,56
Escovar os dentes	2,22	Organizar meus pertences	1,56
Não respondeu	0	Não respondeu	12,5

Pesquisa direta, Outubro e Novembro de 2014.

Observando o que Pais (2006) diz, quando destaca que os jovens sabem que se encontrarão com o futuro, talvez os garotos tenham a faculdade por aspiração e quase certeza de que irão alcançá-la em virtude da exigência do próprio progresso individual, claramente exaltado na modernidade. Apesar disso, os dados não comprovam que tal ideia é válida para a amostra de jovens investigada.

A ideia de que há entre os jovens uma orientação para o presente em razão das incertezas provenientes do futuro, defendida por Pais (2006), apresentou resultados tímidos na amostra analisada.

Com base na tabela 7 os percentuais de jovens que não têm ideia sobre o que gostariam de fazer após a conclusão do ensino médio é de 2,2% para os garotos e 1,56% para as garotas. Na tabela 8, o percentual de garotos que não têm previsões acerca do que irão fazer após o ensino médio é de 6,6% para os meninos e de 7,81% para as meninas.

Giddens (2002) como já comentado, defende que a modernidade oferece múltiplas escolhas, entretanto, não dá suporte para que elas sejam realizadas. Nesse sentido, é possível que os indivíduos se sintam desnorteados quanto ao próximo passo a darem.

Em relação à amostra das juventudes analisadas, as mesmas parecem saber e ter certeza do que estão fazendo. Isso se mostra contrário ao que propõe o autor. Ao que parece, não se sentem mergulhadas em incertezas, pelo menos não em sua maioria. A incerteza se apresentou em pequena escala.

Conforme a tabela 7, é possível identificar outras aspirações futuras que traduzem ou se configuram em outras noções de projeto. Além da faculdade, com percentual de 57,77 já mostrado, o trabalho aparece como um ideal de futuro com 33,33% para os garotos e 10,93% para as garotas, relacionado com a independência financeira e com 2,22% que se inclina para uma realização do próprio jovem: “pular de para-quedas”.

Há ainda outras aspirações entre os garotos, como o serviço às forças armadas com percentual de 2,22% e ser dono de uma loja de Vídeo Games com 2,22%.

Entre as garotas, além da faculdade com percentual de 81,25%, o trabalho com 10,93% e 4,68%, há também a aspiração por viagens / descanso, com percentual de 1,56%, refletindo que as trajetórias podem tomar diversos caminhos.

Logo abaixo estão outras tabelas com dados que merecem atenção por colaborarem para a compreensão da realidade dos jovens pesquisados:

**Tabela 13 - Estado Civil**

Masculino	%	Feminino	%
Solteiros	97,77	Solteiros	90,62
Casados	2,22	Casadas	7,81

Pesquisa direta, Outubro e Novembro de 2014.

**Tabela 14 - Você mora com:**

	Garotos %	Garotas %
Os pais	55,55	51,56
Mãe	31,11	28,12
Pai	2,22	4,68
Avós	4,44	3,12
Sozinho	0	1,56
Amigos	0	0
Outros parentes	4,44	6,25
Cônjuge	2,22	1,56
Outros	0	3,12
Não respondeu	0	0

Pesquisa direta, Outubro e Novembro de 2014.

**Tabela 15 - Você tem filhos?**

Garotos	%	Garotas	%
Sim	11,11	Sim	3,12
Não	86,66	Não	96,87
Não respondeu	2,22	Não respondeu	0

Pesquisa direta, Outubro e Novembro de 2014.



## **Considerações finais**

Por meio da pesquisa foi possível detectar a presença forte da escola, que funciona como parte da estrutura para a conquista das aspirações da maioria das garotas, embora não determine de modo exclusivo as aspirações e projetos de futuro das mesmas.

Entre os garotos, os objetivos também se mostraram bastante definidos, assim como no caso das garotas. Os mesmos, em sua maioria planejam fazer faculdade, conforme mostra a tabela 12, porém, não ficou claro o que está na base da aspiração em cursá-la.

Foi evidenciado que os jovens pesquisados (garotos e garotas), em sua maioria, não estão mergulhados por incertezas, como mostra a tabela 10, onde 57,77% dos garotos e 81,25% das garotas tem um objetivo definido: cursar faculdade após a conclusão do ensino médio.

De acordo com o exposto acima, tais jovens (garotos e garotas) parecem se encontrar bem orientados acerca das aspirações e previsões sobre o que, efetivamente, farão pós-ensino médio. Talvez objetivem obter “progresso”, ideia relacionada ao crescimento individual e contínuo na época atual, conforme foi refletido segundo as ideias de Giddens (2002).

Pode-se dizer também, já em relação às hipóteses testadas, que o capital cultural dispensado pela família influencia, porém, não determina aspirações, embora componha a base estrutural das mesmas.

Tais aspirações dos jovens com percentuais representativos maiores da amostra analisada, estão sustentadas principalmente pela escola, considerada por 33,33% dos garotos (2º percentual mais expressivo entre os respondentes) e por 42,18% das garotas (percentual mais expressivo) como uma instituição que prepara para o futuro, embora o estudo apareça como uma obrigação, como já verificado na tabela 12.

Com relação à entrevista realizada com a aluna da escola, seu projeto de futuro é “cursar faculdade”, embora existam percalços que a impedem de pôr em prática o seu desejo. O que sustenta sua aspiração é a representação simbólica de “ser alguém na vida”, que como já vimos, é uma construção social ligada ao progresso em um cenário moderno.

A aspiração do garoto, “montar uma banda de Rock” está sustentada pela sociabilidade, que foi possível por meio do contato e identificação com roqueiros que são também alunos do CEPA.

## Referências Bibliográficas

ALVES, Maria de Fátima Paz. **Juventude, igreja e “mundo” na perspectiva de jovens pentecostais (assembleianos de Recife)**. VELHO, Gilberto (org.). In: *Juventude Contemporânea: Culturas, gostos e carreiras*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. **Criatividades contemporânea e os redesenhos das relações entre autor e obra: a exaustão do rompante criador**. In: **Criatividade, juventude e novos horizontes profissionais**. Org.: Maria Isabel Mendes de Almeida e José Machado Pais. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

ALMEIDA, neto, Mateus Antonio de. **Juventudes e distinção: Estilos de vida na pracinha do Siqueira Campos**. UFS, 2014.

BOURDIEU, P. **A gênese dos conceitos de habitus e de campo**. In: *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

BOURDIEU, P. **É possível um ato desinteressado?**. In: *Razões Práticas – sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (Orgs.). Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

CHAGAS, Juliana Almeida. *A construção do jovem na cultura da pixação*. UFC/CE, 2014.

CHARLOT, Bernard. **Valores e normas da juventude contemporânea**. Léa Pinheiro Paixão & Nadir Zago (orgs.). In: *Sociologia da Educação: Pesquisa e realidade brasileira*. Petrópolis: Vozes, 2007.

COSTA, Sandra Regina Soares. **O que é ser novo na baixada fluminense: notas sobre representações da juventude entre as camadas populares**. VELHO, Gilberto (org.). In: *Juventude Contemporânea: Culturas, gostos e carreiras*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

DAYRELL, Juarez. **Juventude, socialização e escola**. DAYRELL, Juarez (org.). In: *Família, escola e juventude: Olhares cruzados Brasil-Portugal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

DURKHEIM, E. **A solidariedade devido à divisão do trabalho ou orgânica** in: *Da divisão do trabalho social*. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares de vida religiosa**. São Paulo: Edições Paulinas, São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DURKHEIM, E. **“Regras relativas à explicação dos fatos sociais”** in: *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Vol. 1. In: *Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

ELIAS, N. **Para a fundamentação de uma teoria dos processos sociais.** In: Escritos e Ensaios – 1, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

FOUCAULT, M. **Os corpos doces.** In: Vigiar e Punir. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

FRANÇA, Matheus Gonçalves. **Entre lazeres, sociabilidades e insegurança:** Interpretações sobre a praça Universitária em Goiânia. PPGA/DAN/UnB, 2014.

GIDDENS, Anthony. **A trajetória do eu.** In: Modernidade e Identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

MAGALHÃES, Alexander Soares. **Juventude, amizade e fé:** Estudo de caso entre assembleianos da baixada fluminense, 2014.

MALVASI, Paulo Artur. **O domínio mental e a vida Loka:** uma análise do dispositivo das drogas nas periferias de São Paulo. São Paulo, 2008.

MANNHEIM, Karl. **O problema sociológico das gerações.** FORACCHI, Marialice Mencarini (org.). In: Sociologia. São Paulo: Ed. Ática, 1982.

MANNHEIM, Karl. **O problema da juventude na sociedade moderna.** In: Diagnóstico do nosso tempo. Rio de Janeiro: Zahar, 1961.

NOVAES, Regina. **Os jovens de hoje:** Contextos, diferenças e trajetórias. ALMEIDA, Isabel Mendes de & EUGENIO, Fernanda (orgs.). In: Culturas Jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PAIS, José Machado. **Buscas de si:** expressividades e identidades juvenis. ALMEIDA, Isabel Mendes de & EUGENIO, Fernanda (orgs.). In: Culturas Jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PAPPÁMIKAIL, Lia. **Juventude, autonomia e sociologia:** Redefinindo conceitos transversais a partir do debate acerca das transições para a vida adulta. DAYRELL, Juarez (org.). In: Família, escola e juventude: Olhares cruzados Brasil-Portugal. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

PARSONS, Talcott. **O conceito de sistema social.** CARDOSO, Fernando Henrique & IANNI, Octavio (orgs.). In: Homem e sociedade: Leituras básicas de sociologia geral. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

PICCOLO, Fernanda Delvalhas. **Desigualdades sociais, práticas educativas e juventude numa favela carioca.** VELHO, Gilberto (org.). In: Juventude Contemporânea: Culturas, gostos e carreiras. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

SANTOS, Maria Aparecida dos. **É no chão da praça:** expressividades culturais, sociabilidades juvenis e ativismos políticos no cotidiano da praça das juventudes – Serrinha. UFC, 2014.

SETTON, M. Graça J. **Experiências de socialização e disposições híbridas de habitus**. DAYRELL, Juarez (org.). In: Família, escola e juventude: Olhares cruzados Brasil- Portugal. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SIMMEL, George. **As grandes cidades e a vida do espírito**. In: Mana – Estudos de Antropologia Social V. 11, 2005.

SIMMEL, George. **A sociabilidade**. In: Questões fundamentais de Sociologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SOUZA, Izabela Jatene de. **Juventude e consumo: novas formas de significados no espaço socioeducativo**. UFPA/Pa, 2014.

VELHO, Gilberto. **Juventudes, projetos e trajetórias**. ALMEIDA, Isabel Mendes de & EUGENIO, Fernanda (orgs.). In: Culturas Jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.